

Cristologia e Soteriologia

Seminário Teológico Batista do Rio Grande do Sul

Teologia Sistemática 4

Panorama Geral:

Procura-se neste documento expor o leitor a um resumo de pesquisas referente ao estudo das passagens bíblicas fundamentais na temática de cristologia e soteriologia, bem como um tratamento teológico sistemático dos conceitos pertinentes. O aluno utilizará três livros textos e a apostila, bem como leituras à parte em regime de pesquisa individual.

Na apostila, estes livros textos serão assinalados por BAILLIE, BARTH, ÉRICKSON, GEORGE, e GRUDEM, respectivamente. Os livros textos serão os seguintes:

BAILLIE, Donald M. *Deus Estava em Cristo*. Traduzido por Jaci Correia Maraschin. São Paulo: ASTE, 1964. (Original em inglês, 1955). (páginas 179-239).

BARTH, Gerhard. *“Ele Morreu por Nós”: A Compreensão da Morte de Jesus Cristo no Novo Testamento*. Traduzido por Nélcio Schneider. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1997. (Original em Alemão, 1992). (páginas 14-165).

ERICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. traduzido por Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997. (Original em inglês, 1992). (páginas 275-340, 369-433).

GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. Traduzido por Gérson Dudus e Valéria Fontana. São Paulo: Edições Vida Nova, 1994. (Original em inglês, 1988). (páginas 215-222, 264-271, 286-287, 307-311).

GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática*. Traduzido por Norio Yamakami, Lucy Yamakami, Luiz A. T. Sayão, e Eduardo Perreira e Ferreira. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999. (Original em inglês, 1994). (páginas 435-529).

O aluno apresentará uma avaliação crítica para cada um dos textos indicados supra, seguindo as instruções do formulário a ser entregue pelo professor. Nesta avaliação, far-se-á um diálogo com cada autor em consideração dos posicionamentos oferecidos e a sua correlação com a apresentação dos próprios texto bíblicos.

Pressupostos Teológicos:

Segue uma lista parcial dos pressupostos interpretativos do autor desta obra. É essencial em todo esforço interpretativo bíblico estabelecer o ponto de partida do intérprete. Estes pressupostos informarão o processo deste estudo e os seus resultados finais:

- ◆ O autor pressupõe que o enfoque bíblico é por natureza teológico e deve ser lido dentro deste enfoque.
- ◆ O texto bíblico é a fonte de autoridade para fé e prática (princípio essencial dos batistas).
- ◆ Um texto deve ser lido dentro do seu próprio contexto, procurando sua mensagem contextual.¹

¹ Veja KAISER, *TaET.*, 133, 140, 187, 199.

- ◆ Somente depois de tratar o que um dado texto diz por si mesmo, deveria-se comparar sua mensagem com a de outro texto.
- ◆ Um texto difícil não deve receber o peso teológico dado a um texto claro.
- ◆ A interpretação exata de todo texto bíblico não ficará clara, mesmo com muito estudo detalhado.
- ◆ O uso de comentários, dicionários, e outros livros é de ajuda no estudo de uma passagem, porém deve sempre tomar lugar secundário ao estudo do texto bíblico por si mesmo.²
- ◆ O tipo literário de uma passagem implica na sua interpretação apropriada.
- ◆ Quando se encontra com um texto que aparentemente não apóia um conceito teológico, o texto está sendo mal-interpretado, ou o conceito teológico deve ser reformulado até que esteja conforme com a mensagem bíblica.
- ◆ A teologia é um estudo sempre em andamento, pois o homem é finito e não chega a um ponto de compreender plenamente o infinito.
- ◆ Não se deve separar teologia do conceito de revelação, pois é somente pela auto-revelação de Deus que se pode conhecer a Deus.
- ◆ É importante lembrar que as traduções atuais da Bíblia estão, em geral, baseados em tradições de traduções primitivas de homens bem intencionados, mas que estavam apenas começando a estudar a Bíblia e portanto deve-se sempre que possível recorrer às línguas originais.
- ◆ Não se deve forçar um conceito neotestamentário sobre um texto qualquer que não apresenta o mesmo ensino.
- ◆ O pano de fundo veterotestamentário deve ser visto como integral à compreensão do Novo Testamento, secundário em importância apenas às modificações colocadas por Jesus.
- ◆ Não se deve forçar um texto bíblico dentro de um molde teológico.³
- ◆ O texto bíblico apresenta a Deus através do que Deus faz muito mais do que em termos de descrições abstratas e proposicionais.
- ◆ A fé exige aceitar um compromisso com Deus, mesmo quando não se conhece plenamente todo aspecto das exigências do compromisso, nem de antemão as respostas aos questionamentos teológicos.
- ◆ As perguntas essenciais a serem feitas ao texto bíblico são “Quem é Deus?”, “Quem sou eu?” e “O que Deus quer comigo?”.

Cristologia, Definição e Delimitação do Estudo:

Cristologia refere-se ao estudo referente a Jesus Cristo—sua pessoa e sua obra. Tratar-se-á as temáticas da teologia sistemática bem como passagens bíblicas essenciais referentes à temática, bem como o dilema do porquê da morte de Jesus na cruz.

Soteriologia, Definição e Delimitação do Estudo:

Soteriologia refere-se ao estudo referente à salvação. Tratar-se-á passagens bíblicas essenciais referentes à temática, bem como os termos bíblicos principais relacionados e empregados em tratamento da questão.

² Veja SILVA, 171.

³ “A teologia não deve reformular a Escritura, porém a exegese da Escritura sim deve reformular a teologia” (NEUSNER, xii).

Textos Básicos:

Esta disciplina estudará conceitos essenciais de Cristologia e Soteriologia, bem como textos básicos do mesmo. Em especial, far-se-á um estudo do evangelho de João, Gênesis 2-4, 12-15, 22, Êxodo 12, Romanos 3-10, 1ª João, Apocalipse 1-5, 21, Filipenses 2-3 e alguns outros textos avulsos.

Anotações Introdutórias:

Expectativa messiânica—João Batista não compreendia como seria o messias (Mateus 11.1-6 e Lucas 7.18-23) e nem mesmo os discípulos de Jesus, o que fica claro com a fuga deles no momento de sua morte⁴.

Um profeta era aquele que falava por Deus—portavoz⁵. Jesus atuava conforme o conceito de um “profeta verdadeiro, desafiando as injustiças de estruturas de poder política e religiosa”⁶.

Os essênios esperavam um messias filho de Aarão e outro filho de Davi. Dois conceitos de Messias em competição—nacional versus universal⁷.

O Antigo Testamento utiliza o substantivo “messias” 39 vezes, mas nunca em referência direta ao messias vindouro!

29x refere-se ao rei de Judá ou Israel (1Sam 2.10,35; 12.3,5; 16.6; 24.6a,6b,10; 26.9,11,16,23; 2Sam 1.14,16; 19.21; 22.51; 23.1; 1Cr 6.42; Ps 2.2; 18.50; 20.6; 28.8; 84.9; 89.38,51; 132.10,17; Lam 4.20; Hab 3.13)

1x refere-se ao rei da Pérsia (Is. 45.1)

7x refere-se ao sumo sacerdote (Lev 4.3,5,16; 6.20,22; 16.32; Dan 9.25-26)

2x refere-se aos patriarcas como profetas (1Cr 16.22, Sal 105.15)

“Se as pessoas do Antigo Testamento pudessem ter completamente compreendido a natureza total de Deus, a vida e o ministério de Jesus teriam sido em vão”⁸. Logo foi necessário a encarnação em parte para completar a revelação de Deus no Antigo Testamento. O básico do evangelho está presente no Antigo Testamento, mas Jesus teve que clarificar essa mesma mensagem, pois não estava sendo apreciado. Em Lucas 24, Jesus fala com os dois discípulos no caminho de Emaus para explicar como o Antigo Testamento ensinava sobre ele. A mensagem já estava presente, mas de uma forma obfusca. À luz do seu ministério, porém, tudo se clarifica e completa.

Cronograma de leituras de Érickson, George, Barth, Baillie e Anotações:

8/agosto → Érickson 275-284; George 198-200, 215-222; Grudem 435-456

Deus agiu em Cristo por amor para restaurar a humanidade ao Seu propósito original (ÉRICKSON, 275).

Jesus demonstra autoconsciência de ser Deus pelas prerrogativas divinas que reclama, feito claro nas reações dos Seus adversários que vieram acusá-lo de fazer-se Deus (ÉRICKSON, 276-277). João 8.58; 10.31; 19.7.

O Novo Testamento parece usar o termo Senhor com conotações de divindade, especialmente em relação a Jesus (ÉRICKSON, 280).

⁴ BARTH, 9-28.

⁵ STAGG, 51 entre muitos outros autores.

⁶ STAGG, 55.

⁷ STAGG, 24.

⁸ CATE, 59.

Que os oponentes judeus não argumentavam contra o túmulo vazio evidencia para a ressurreição de Jesus (ÉRICKSON, 281).

Heresias primitivas referentes a Cristo: ebionismo (negação da divindade real de Jesus); arianismo (Jesus como criatura do Pai) (ÉRICKSON, 282-283).

Por Trindade, não compreende-se três deuses, mas “que o Pai, e o Filho, e o Espírito, são um e único Deus” (GEORGE, 199). “Deus é manifesto na carne” equivale para Calvino Deus em termo de totalidade, não um entre três, “preferindo chamar [as Pessoas da Trindade] de ‘subsistências’, não ... divisões” (GEORGE, 200).

“Não há nada que Satanás mais tente fazer do que levantar névoas para obscurecer Cristo” (GEORGE, 215).

Conhecer a Cristo é conhecer seus benefícios (GEORGE, 216).

“[Deus] se fez nosso Redentor na pessoa do Unigênito” (GEORGE, 216).

Cristo teve que ser humano para persuadir o homem do seu amor e sua ajuda nos méritos de haver passado por provações humanas (GEORGE, 217).

Deus manifesto em carne, não homem elevado (GEORGE, 218).

Pelo desejo próprio, Deus agiu para resgatar-nos em Cristo para demonstrar a sua bondade (GEORGE, 220).

A obra redentora de Cristo compreende toda a sua vida e ministério, revelado completo pela ressurreição (GEORGE, 221).

No sermão de Estevão, ele narra de Abraão até Davi, e logo parte diretamente a Jesus (Atos 7).

Lucas 7.18-23 – Nesta passagem, encontramos um tratamento especial concernente à expectativa messiânica de João o Batista. No contexto maior do capítulo inteiro, o motivo principal concerne o relacionamento dos ministérios de João e Jesus. João, o próprio precursor e anunciador da chegada do messias encontrava-se na prisão, daí a necessidade de enviar mensageiros. Na situação tal, preocupava-se de forma natural com a atuação do messias. Para João, a hora havia chegado para que o messias se revelasse em poder e efetivamente o livrasse da prisão. Todos esperavam que o messias seria a princípio um libertador político. Havia quem esperasse dois messias—um político e um espiritual—mas pelo menos um político, que reivindicaria o governo de YHWH devolta sobre Israel. Para João, a hora havia chegado. A sua necessidade particular apressava-se para ver a resposta divina para sua situação. Afinal de contas, se Jesus era mesmo o messias, como João esperava, o que o fazia demorar para realizar a libertação anseada?

A resposta de Jesus, porém, não parece claro de início. Parece até que Jesus responde outra pergunta, como geralmente parece. De fato, Jesus aparentemente tinha jeito para responder as perguntas que as pessoas não haviam feito. Neste caso, remete a certas expectativas messiânicas para responder a João, porém, delimita-se a apenas algumas expectativas: sarar o povo, libertar os oprimidos por doenças e demônios, levantar coxos, até mesmo purificar a leproso (qual nem era expectativa messiânica), restaurar surdos, ressuscitar mortos e pregar boas novas aos pobres. Curiosamente, Jesus não reflete nenhuma expectativa de restauração política do povo de Israel, nem de julgamento sobre os seus opressores. Tal aspecto permanece oculto na resposta a João. João não precisa esperar outro, mas precisa compreender que Jesus não veio para cumprir as expectativas de caráter político. “Agüenta firme, João, pois não vim para livrar-te da prisão, mas mesmo assim, sou aquele quem esperavas”! Ele era o messias, mas as expectativas do povo estavam erradas.

Na exposição de Grudem (435-436) sobre o nascimento virginal, deve-se ressaltar que o texto de Mateus não tem muito peso para sustentar o conceito, pois depende expressamente da citação da Septuaginta para designar a virgindade de Maria. O hebraico do texto referenciado aponta para “uma mocinha”, sem especificação exata. O texto de Lucas é específico, mas vale mencionar que é realmente o único texto bíblico que expõe a concepção virginal de Jesus. Enquanto deve ser aceito pela definição categórica de Lucas, o assunto não deveria receber ênfase principal, sendo um aspecto de interesse secundário. O enfoque da passagem e do Novo Testamento como um todo é a atuação do Sopro do Santo e as qualificações de Jesus.

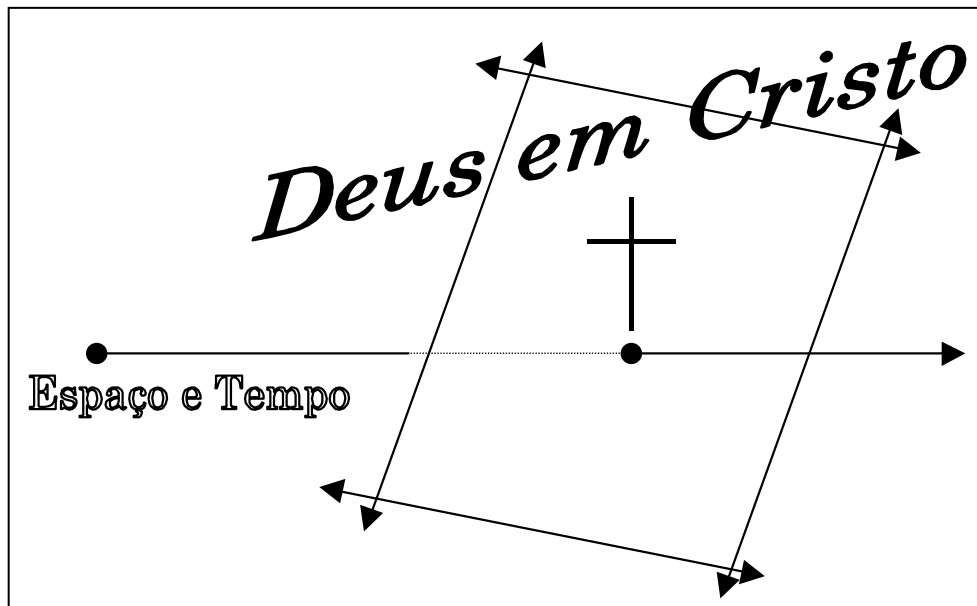
Grudem remete para um vínculo de exegese agostiniano de transmissão biológica do pecado original, mesmo que ele procura distanciar-se das implicações da transmissão biológica através do semen (436-437). O sentido do termo hebraico (adam) é de humanidade, expressando o conceito de que o homem no jardim paraíso “sou eu”. O tratamento expressamente singular do primeiro indivíduo que Grudem segue desvirtua a compreensão de que o texto reflete a realidade atual, e não apenas das origens da criação.

Grudem menciona (442-444) uma polêmica sobre uma proposta impossibilidade de Jesus pecar, bem negando a mesma em virtude da tentação de Jesus ter sido real e não fictícia. A pergunta se baseia numa concepção de que como Jesus é Deus teria sido impossível que pecasse teria sido impossível sua atuação em conflito com os propósitos imutáveis de Deus. Nesta visão falta-se uma apreciação de vontade real em Jesus, o qual dá validade às limitações físicas de sua vivência humana, bem como uma falha de compreensão do conceito bíblico de perfeição e vontade divina. Ser perfeito não designa uma falta de atingir uma moralidade ou lista pré-definida de objetivos, mas entregar-se a uma vida de amor sacrificial. Este padrão de vida diferente que realça o entregar-se para o ideal do outro estabelece em consequência do amor de entrega em benefício do outro, não em benefício próprio. Intrínseco a esta definição é o conceito de distanciar-se de vontade própria para valorizar o benefício alheio. Pecado é contrariar esse princípio, não “simplesmente” fazer o que é da vontade de Deus. A vontade de Deus não vaga de um prazer a outro, como faz a vontade humana. A vontade de Deus inclui intrinsecamente aspectos de amor sacrificial em prol do outro. Nestes termos, a impossibilidade de que Jesus pecasse depende não de interiorizar de forma legalista a vontade divina, mas de voltar a sua vida em benefício da humanidade. A luta, portanto, é real, pois exige que se pague um preço para atingir o objetivo—neste caso injúria severa e a própria morte física.

Em relação ao corpo e aspecto físico humano de Jesus, Grudem trata (447) de aspectos intermináveis da humanidade de Jesus. Deve-se lembrar, no entanto, que o corpo ressurreto de Jesus é ao mesmo tempo diferente de um corpo

humano deste mundo. Não se sabe definir as diferenças, mas nesse corpo Jesus como pão e peixe, mas pode ao mesmo tempo transitar por paredes de material. Algo é diferente, mas não deve-se preocupar em oferecer explicações específicas. Os textos citados realmente não chegam a afirmar uma continuidade eterna da expressão física de Jesus após a ressurreição, mas também não definam forma qualquer para a apreciação futura do relacionamento com Cristo após a morte deste mundo.

15/agosto → Érickson 285-308; George 307-311; Grudem 457-470



“Deus está tão acima de nós ... que a razão humana não é capaz de conhecê-lo”, logo em Cristo Deus toma a iniciativa de fazer-se conhecido (ÉRICKSON, 286).

É a humanidade de Cristo que o torna à perspectiva humana capaz de realmente compreender o ser humano (ÉRICKSON, 286).

Jesus estava sujeito às limitações próprias do ser humano, incluindo as limitações intelectuais (ÉRICKSON, 287-289).

“Deus meu, Deus meu...” é uma citação do Salmo 22, logo demonstra angústia, enquanto demonstra confiança na vitória em Deus.

O nascimento virginal é apenas doutrina secundária ao evangelho (ÉRICKSON, 294).

“Embora Jesus pudesse pecar, era certo que não pecaria”, mesmo sendo as tentações reais (ÉRICKSON, 296).

É necessário que a obra redentora na cruz seja de Cristo humano e divino para que seja completa (ÉRICKSON, 300).

Gênesis 1.26 não usa terminologia que definitivamente denota a identidade do sujeito plural, pois apenas elohim (אֱלֹהִים) é mencionado no texto, e isto delimitado com o verbo anterior no singular. Como elohim (אֱלֹהִים) com o verbo no plural geralmente infere “os deuses”, é provavelmente a esta agrupação de seres que os verbos seguintes sugerem. Tal era a interpretação judaica desde a época de Philo, e é compatível com os conceitos hebraicos de monoteísmo. Logo o “façamos” e “nossa” provavelmente referem-se não a um conceito de pluralidade divina (WENHAM, 27-28), mas à “corte celestial” que de alguma forma encontra-se incluída na obra da criação, mesmo se apenas no papel de espectador. Basicamente o mesmo diria-se referente a Gênesis 3.22 e 11.7.

Não há indício na Bíblia de que as duas naturezas de Jesus se revezavam (ÉRICKSON, 301).

A kenose de Cristo pode ser explicado/compreendido em termos da adoção da forma de servo em termos de posição, não em que se houvesse passado de ser Deus (ÉRICKSON, 305). Fundamentalmente é de interesse notar que a ênfase da passagem de Filipenses 2 recai sobre a aceitação da posição servil em contraste aos privilégios divinos.

Em Jesus vemos o ideal do que é ser realmente humano (ÉRICKSON, 307).

Viam o homem escravizado pelo pecado tal que somente pela graça de Deus havia salvação (GEORGE, 307-308).

Preferiríamos um Deus que pudéssemos entender em relação à atuação de Sua soberania (GEORGE, 308).

Não temos um Deus que possamos explicar, manipular, ou domesticar (GEORGE, 309).

Jesus Cristo é a concretização final da decisão divina de resgatar-nos (GEORGE, 311).

29/agosto → Barth 14-53

Os discípulos não estavam preparados para a morte de Jesus, tal que motivou uma grande crise de fé nos mesmos (BARTH, 15-16).

Não sabemos como Jesus interpretou a importância de sua morte (BARTH, 20).

A ressurreição veio a ser o eixo central da confissão de Jesus como o Cristo, sua morte sendo matéria secundária para certas correntes teológicas primitivas (BARTH, 24-28). Qualquer explicação própria para compreender a morte de Jesus deve incluir compreensão da centralidade da ressurreição de Jesus como salvífico.

Explicação adequada da morte de Jesus é mais do que simplesmente sofrimento do Justo (BARTH, 36-38).

Havia uma convicção difundida de que todo profeta real havia sido morto pelo povo (BARTH, 40).

O NT declara que a morte de Jesus teve o resultado de expiação, mas não explica o como, mesmo que vincula conjuntamente ao conceito de expiação os conceitos de entrega e auto-entrega (BARTH, 42-53).

BARTH reivindica (30) que a morte de Jesus sendo expiatório necessariamente implica em vicariedade, porém ele não sustenta a afirmação, mesmo quando coloca os sacrifícios veterotestamentários como oferecendo um desvínculo com o conceito de vicariedade.

05/setembro → Barth 54-81; Grudem 471-479

OBS → Barth trata muitos textos como estando sob certa “suspeita”, geralmente referente à sua historicidade, sua data de origem conceitual, ou a data de sua formulação. Muitas vezes ele até “entrega a toalha” cedo demais, geralmente para não se incumbir demais em detalhes e discussões que atrapalham a direção proposta para a obra à mão. Dentro dos círculos de erudição no qual trabalha, é até boa tática, mesmo que nem sempre as críticas cedidas tenham a razão. O defeito é coerente com a forma de tratar o assunto, não chegando a ser razão para ignorar o seu posicionamento. Para ele tratar a fundo cada texto indicado como sendo sob “suspeita”, teria que escrever o equivalente a um artigo sobre cada referência para utilizá-la como base de argumentação sustentável.

Quando Barth referencia as colocações de Breytenbach em termos de uma limitação de versículos tratando a morte de Jesus em termos expiatórios ele mistura interpretações da morte de Jesus (BARTH, 54-55). 1ª Pedro 1.2 referencia uma compreensão de Jesus como sacrifício de aliança, não de expiação. É correto que o versículo aponta para o conceito de Êxodo 24.8, porém a compreensão não é tanto de expiação, como é do estabelecimento de uma aliança entre Deus e o ser humano. De forma semelhante, João 18.28 e 19.14-36 retratam a morte de Jesus como sacrifício pascal, não expiatório. Deve-se lembrar que o sacrifício pascal retomava a redenção dos primogênitos, não a expiação de pecado. Na celebração anual da páscoa, já não é mais um sacrifício de redenção, mas de ratificação ou aplicação pessoal da redenção do povo. Assim também 1ª Pedro 1.19 também é referência a redenção, não expiação. Barth parece compreender todo sacrifício como designação e função expiatório, quando a Bíblia não vê apenas um conceito de expiação atrás dos sacrifícios efetivados.

Há um vínculo estreito no Evangelho de João entre a morte de Jesus e a do cordeiro pascal (BARTH, 55).

O conceito da morte de Jesus como sacrifício parece ser desenvolvimento teológico mais tardia do que a fórmula de entrega (BARTH, 56).

Leia-se Barth 43-60 no contexto de 62-63, referente ao sentido veterotestamentário dos sacrifícios. Ele demonstra que a idéia de vicariedade expiatória não procede do texto do Antigo Testamento, nem da compreensão judaica nos dias de Jesus. Logo é necessário retomar o estudo das passagens do Novo Testamento e pesar o conceito vicariedade para ver se realmente a questão expiatória (Cristo morreu a causa de/por/pelo pecado) realmente indica morte vicária (substitucional) ou refere-se ao sentido de expiação por meio de oferta, intercessão, apaziguamento, aproximação, reparação, redenção, ato de obediência, reflexão, ou outro sentido ligado ao cordeiro pascal. Se a base doutrinária dos discípulos é o AT e aquilo que Jesus ampliou/modificou, deve ser que a compreensão de sua morte na mente dos discípulos está mais ligada aos conceitos veterotestamentários do que as interpretações sobrepostas ao texto bíblico nos consequentes séculos do cristianismo.

“Isaías 53 é o único texto do Antigo Testamento que trata de uma morte (vicária) pelos pecados das pessoas” (BARTH, 65). Ainda assim, Isaías 53 traça a questão de morte vicária não em termos de apaziguar ira, mas de trazer reconciliação em meio ao reconhecimento de males cometidos entre os ofensores e Deus (WATTS, 233). Assim, mesmo quando o conceito de morte vicária é apresentado em Isaías 53, não vem a ser igual ao conceito helenístico de morte vicária. Como Barth continua comentando, Isaías 53 não parece ser a fonte base de expressão do conceito de morte vicária no cristianismo (BARTH, 65).

Romanos 8.28 lançaria o conceito de que a tese “ação-decorrência” descrita por Barth (71), seria circumvertido por YHWH referente ao seu povo, já que modifica os resultados circunstanciais para o bem daqueles que o amam/servem. De qualquer forma, tal princípio não atuaria acima de YHWH, mas a seu serviço conforme Schmid (BARTH, 72).

YHWH oferece expiação, daí sua graça ao pecador (BARTH, 73).

A questão “ação-decorrência” aparentemente se confunde com o conceito de teologia da prosperidade, em contra do qual o livro de Jó traça polêmica e o qual Jesus descarta destrarte. Não quer dizer que todo aspecto da questão “ação-decorrência” é descartada, mas pelo menos o conceito é amenizado em consideração de seu caráter popular em contraposição a reflexões teológicas mais sérias no mesmo cerne hebraico. Como Barth coloca (73-74), ela é dada um caráter de expectativa apocalíptica, ou em outros termos, escatológica, onde sua esperança de retribuição pode ser reivindicada.

O conceito de pecado no Antigo Testamento é de “falta contra a realidade”, ou seja, contra a ordem do universo criado por YHWH (BARTH, 75). Tal conceito é consoante entre os povos ao redor do povo de Israel na época do NT, como pode ser visto em Atos, quando do tumulto referente a Diana dos Efésios. Algo deste conceito, ao menos em relação aos efeitos a longo prazo do pecado na própria sociedade, deve ser resgatado nos dias atuais.

A questão vicariedade não dá impulso a fundamentar uma nova vida em Cristo, a não ser indiretamente, porém Paulo testifica de que é a morte e ressurreição de Cristo que efetua a nova vida, logo sua compreensão vai além de morte expiatória vicária (BARTH, 76).

Expição refere-se à eliminação do pecado, enquanto vicariedade refere-se à morte de um em lugar de outro. Os dois são comumente tratados como sendo um só conceito (expição vicária), porém permanecem sendo dois conceitos distintos que podem ser unidos em certas circunstâncias. O Antigo Testamento trata de expição, porém só em Isaías 53 trata a questão de vicariedade. Segundo o meu parecer não há uma distinção suficiente feita entre os dois termos no tratamento dos conceitos, pois como Barth os trata, em toda ocasião que o texto indica expição, ele retoma como vicariedade—mesmo quando afirma que o Antigo Testamento desconhece o conceito de sacrifício de morte vicária. A forma funcional básica do sacrifício visava a aproximação do homem para com YHWH, possivelmente no sentido de mediar audiência. Em Isaías 6.7, YHWH concede audiência direta aparentemente sem preocupar-se com a questão de culpa e pecado, mas quando o profeta levanta a questão de sua culpabilidade, uma mera brasa pôde expiar sua impureza!

O tratamento do pano de fundo do Antigo Testamento oferece no mínimo a opção de um desvínculo entre expição e vicariedade. Perde-se uma compreensão direta de expição não-vicária pelo surgimento do conceito de vicariedade. Barth não toma o tempo para procurar uma explicação concebível de expição vinculada a morte sem que seja morte vicária. Parece ser uma falha completa, pois havia morte em sacrifícios através do Antigo Testamento, nenhuma das quais era compreendida em sentido de vicariedade. Já expição no Antigo Testamento também pode ser desvinculado de morte, para o qual uma compreensão de expição sendo vicária é simplesmente inaceitável.

Pelo vínculo de expição com os objetos cúlticos do templo/tabernáculo, entende-se que expição tinha a ver com a restauração de comunhão com Deus. O sangue do animal roseado sobre o altar e a arca da aliança (a tampa da qual era representativo do trono de YHWH, ou sendo o seu trono na terra) e sobre o ofertante simbolizava tal aproximação, já que a vida derramada voltava a YHWH e o ofertante haveria colocado suas mãos sobre o animal, seria também levado perante YHWH, restaurando a presença de YHWH no templo e na sua vida—caso YHWH aceitasse a oferta! Como o sacrifício era visto como dependendo da aceitação de YHWH, não é propriamente a morte ou mesmo o sacrifício que efetua expição, mas o próprio YHWH, o que leva o evento sacrificial a ser visto mais como um ato de obediência e reflexão do que um ato salvífico em si.

Quando Jesus Cristo morre na cruz, sofrendo a morte na tradição do sofrimento dos justos e da morte dos profetas (Mateus 23.29-31), é YHWH mesmo ofertando a sua própria vida a Si mesmo como sacrifício pelo povo para expição e em resgate para restaurar a humanidade à comunhão quebrantada a causa do pecado humano, motivado pelo amor de YHWH pelo homem desgarrado. Vicário mesmo é Filipenses 2, quando YHWH cria carne (conforme também João 1.14) e demonstra como deveria ser a nossa vida como “servos humanos”, sendo “obediente até a morte, e morte de cruz”. Vicário não é tanto a morte de Jesus, como a sua própria vida, da qual nos é dado participar, sendo Jesus também o modelo para seguir-mos (Rom 6.1-11, Gal 2.20). matrimônio, Atos 2 crucificar, ser crucificado, nova aliança

“Na expição vicária, trata-se da eliminação do pecado humano diante de Deus, no resgate trata-se da libertação da pessoa da escravidão dos poderes” [mundo, impiedade, lei com sua maldição, poderes deste eón, pecado e morte] (BARTH, 78).

O evento do êxodo do Egito pode ser caracterizado como resgate, e deveria fazer parte do pensamento do cristão judaico ao refletir sobre resgate de escravidão (BARTH, 80). TASKER (156) coloca resgate em Mateus 20.28 como demarcando o conceito de morte vicária, porém, o contexto da passagem é de transposição social e libertação dos humildes ou negligenciados perante a sociedade. O conceito lançado por Jesus (contrariando HAGNER, 582-583) é de que a sua morte inauguraria um novo parâmetro perante o qual o que é nada passa a ter importância. A redenção efetivada por Jesus oferece novas estruturas para a sociedade sob o reinar divino.

Os libertos da escravidão pertencem ao libertador (BARTH, 81).

Resta a pergunta, o preço foi pago a quem? (BARTH, 81). Mais válido seria o conceito do resgate do Egito, onde foi por força e intervenção divina o resgate, sem qualquer pagamento, pois YHWH não deve tributo a ninguém—“Deixa meu povo ir”. O resgate vem, mas não há nenhum pagamento efetuado. Os textos neotestamentários, porém falam também de um preço que foi pago—a morte de Jesus. Seria cogitável concluir que foi preço em sentido de que a libertação foi de alto custo para Deus, em lugar de preço no sentido de qualquer recebimento de pagamento, mas tal difere do tratamento normativo do conceito.

12/setembro → Barth 82-103; Grudem 480-485

No texto de Romanos 6.1-11, há uma participação na morte de Cristo, o que contradiz a idéia de vicariedade (BARTH, 82).

Vincula-se o morrer com Cristo e o ressucitar com Cristo (BARTH, 82).

No conceito vicariedade/expição, é a morte de Cristo que importa, enquanto a ressurreição também faz parte do evento salvífico à vista dos primeiros cristãos (BARTH, 83).

O conceito participação indica que a morte de Jesus não foi vicária, mas que fomos incluídos em sua morte (BARTH, 83).

O conceito participação já era difundida entre os cristãos na época de Paulo (BARTH, 86).

O conceito de participação na morte/ressurreição de Jesus é colocado ao lado de outras interpretações no Novo Testamento (BARTH, 91).

Nas páginas 92-93 em especial, Barth utiliza de fontes extra bíblicas para demonstrar de forma mais clara certas correntes teológicas populares do dia, assim mostrando que as idéias que ele trata eram divulgadas/conhecidas entre o povo.

Em resposta às colocações de Barth em 101, destaca-se o seguinte: É possível sustentar uma interpretação de 1ª Pedro 3.19 como sendo uma referência àqueles que estão mortos em seu pecado, segundo as palavras de Jesus (João 5.24-25; Efésios 2.1,5 e Colossenses 2.13), sem vínculo necessário ao conceito de a uma pregação aos aprisionados no inferno, enquanto 1ª Pedro 4.6 refere-se ao feito de que o evangelho fora pregado àqueles que já morreram em suas próprias épocas, como nos dias de Noé. Atos 2.24, 27 não necessariamente significa que Jesus visitou o inferno, mas que derrotou ou invalidou o seu domínio. Lembra-se que o conceito Seol por detrás do texto refere-se ao lugar dos mortos, o que não equivale a inferno, mas a morte. Mt 12.40 pode tão facilmente referir-se a simplesmente o túmulo no qual Jesus fora colocado. Lembra-se também o fato de que para o judeu o “espírito” não saía definitivamente do homem até completar o terceiro dia (BEASLEY-MURRAY, 189-190)⁹, logo não haveria qualquer necessidade de postular aqui o conceito da ida de Jesus ao Seol entre sua morte e ressurreição, pois não há nenhuma lacuna de tempo para ser devidamente “preenchido”. O teor de Romanos 10.7 quase invalida a sua inclusão como prova do suposto descenso de Cristo, pois profere perguntas tolas para encaminhar o ponto designado. Parece ser que este conceito do descenso veio à frente como resultado de imposição de conceitos populares entre os povos vizinhos dos cristãos, conforme descrito em Barth, 102.

Nota-se que a idéia de descenso ao inferno não é um tema comum ao Antigo Testamento, vindo-se apenas em dois versículos isolados (1ª Samuel 2.6 e Isaías 25.8), mesmo que era comum entre os povos ao redor de Israel (BARTH, 102). 1ª Samuel 2.6 não necessariamente trata de descenso e subida do Seol, como trata de que YHWH é Senhor sobre a morte e também da vida. Destaca-se que o conceito hebraico da morte era mais fluida do que o conceito vigente na atualidade, sendo que estando muito enfermo poderia ser descrito como morto, pela simples questão de uma falta de esperança de viver (veja NELSON, 13). Isaías 25.8 em nada refere-se a um descenso ao Seol, mas da destruição do domínio da morte.

19/setembro → Barth 104-126; Grudem 489-496

Como Romanos 5.8 testifica, a morte de Jesus demonstra o amor de Deus pelo pecador (BARTH, 103-104).

O conceito de demonstração de amor está vinculada claramente com expiação (BARTH, 104), porém ainda discorda-se de Barth de que expiação necessariamente é vicária.

O amor de Deus revelado na encarnação e supremamente na cruz, revela o caráter de Deus em querer salvar o homem.

Essa tal compreensão é indispensável à salvação (Heb. 11.6), pois salvação é condicionada a priori na disposição de YHWH em salvar o homem. A crucificação é a prova suma da disposição desse amor.

É necessário manter em mente o aspecto da morte de Jesus como exemplar e modelo, mesmo que tal não explique a razão da morte de Jesus (BARTH, 110).

Os primeiros cristão deram várias explicações pela morte de Jesus, não uma única razão (BARTH, 111).

Para Paulo, parece que os vários elementos explicativos da morte de Jesus são complementares, nenhuma sendo de importância exclusiva (BARTH, 113).

Em Romanos 8, Paulo trata de pecado em sentido de poder personificado que mantém cativo o indivíduo, declarando que este mesmo poder é condenado e destituído de atuação (BARTH, 116).

Mesmo que Barth indica que o conceito de participação é de certa forma contrária ao conceito de vicariedade, não é necessário entendê-lo como contrário às frases utilizando *υπερ ημων* (por nós: hyper hemôn). Que Cristo morreu *υπερ ημων* (por nós: hyper hemôn) não necessariamente indica que sua morte é de essência vicária. O que significa é que sua morte é um evento a nosso favor, geralmente contextualizado à expiação do nosso pecado, mesmo se o como dessa expiação não seja claro. De forma substancial, sua morte pode ser vinculada ao conceito participação, mesmo na utilização da frase *υπερ ημων* (por nós: hyper hemôn) pois na morte de Jesus temos participação, o que está vinculado à nossa desvinculação da escravidão do pecado.

Com a colocação de que a fórmula com *υπερ* (por: hyper) nem sempre deve designar a idéia de vicariedade, Barth mesmo define que em 2ª Coríntios 5.14 o termo é vinculado diretamente com a idéia de participação e logo no sentido de morrer “em favor de” (BARTH, 118) no versículo 15. Retomando o conceito levantado por Barth de que a própria frase *υπερ ημων* (por nós: hyper hemôn) é já uma fórmula, destaca-se que se refere a alguma explicação que não precisava ser retomada em detalhe pelo fato de ser amplamente reconhecida e facilmente concebível entre os primeiros cristãos (BARTH, 48). Como o conceito vicariedade foi mais difundida a partir da época de Anselmo do que anteriormente (BARTH, 43-44), há com probabilidade outra explicação no qual se baseava a fórmula *υπερ ημων* (por nós: hyper hemôn), que não seja de efeito vicário.

Como Paulo retrata em 2ª Coríntios 5.18-19, parece ser que o conceito exposto de expiação tem vínculo com a idéia de que Cristo fez por nós o que não podíamos fazer por nós mesmos de Romanos 5.6-11. Nesse caso é o próprio Deus que deveria receber sacrifício que além de aceitá-lo o provê (Gênesis 22.9-14) e ainda mais oferece-se a si mesmo—oferta duplamente irrejeitável e eterno. Já que todo o pano de fundo sacrificial do Antigo Testamento dependia sempre da aceitação divina do sacrifício, o que se expressa aqui de forma substancial é de que este sacrifício não é de aceitação questionável. Igualmente, coloca-se em destaque que YHWH interessa-se em restaurar o homem em comunhão consigo. Aquele que rejeitar tal demonstração do amor de Deus em efeito

⁹ “Por três dias a alma torna ao sepulcro pensando que voltará (a entrar no corpo); quando, porém, vê que a cor do rosto se há transformado, parte e o deixa” (Bar Qappara em *Genesis Rabbah* 100 (64a), por citação de Strack e Billerbeck, *Kommentar zum Neuen Testament* 2:544-545, citado em BEASLEY-MURRAY, 189-190).

despreza tanto o amor de Deus, como Sua provisão, como também o perdão, e está em sentido real associando-se aos que crucificaram a Jesus, unindo-se ao clamor de “não queremos mais saber deste—‘caia o seu sangue sobre nós e sobre nossos filhos’, pois não queremos nada com o Deus que ele proclama ser”.

Deus reconcilia o mundo para consigo, sendo que o homem é o alvo desta reconciliação, sendo o homem que rompeu a comunhão e precisa ser restaurado (BARTH, 121). Poderia-se pensar em sentido de que o pecado é o que distancia o homem de Deus em sentido de interesse humano, não de interesse divino! O tratamento normativo equivale a um Deus irado com o homem, enquanto a mensagem mais abrangente bíblica parece ser de que o irado é o ser humano que não quer relacionar-se com o Criador (Gênesis 2-4), foge de sua presença, e logo reclama dos efeitos de seu pecado, mesmo não procurando reintegrar-se ao propósito divino, como também se coloca em João 3.17-21.

“A cruz de Jesus é o julgamento de Deus sobre toda busca humana de orgulho, coisas grandes, de poder, prestígio e sabedoria” (BARTH, 124).

“Se Deus se revelou na cruz de Cristo..., ele entrou na maior profundidade e perdição do mundo e ali, na profundidade, está próximo do ser humano” (BARTH, 126).

26/setembro → Barth 127-150; Grudem 496-504

A paixão de Jesus é o cerne teológico do Evangelho de Marcos (BARTH, 127).

Para Marcos, os milagres não dão a compreender corretamente a identidade de Jesus, pois os discípulos não entenderam quem era pela observância de sinais (BARTH, 130).

Somente após a páscoa é permitido aos discípulos pregar que Jesus é o Cristo (BARTH, 131).

Marcos parece definir as ordens de silenciar os discípulos e demoníacos em relação a um conceito de identificação de Jesus como divino operador de milagres, não tanto com questões de messianismo político (BARTH, 131).

O sofrimento de Jesus torna em Marcos a ser visto à luz de polêmica em contra do conceito da salvação ser vista em termos de bênçãos materiais e libertação de toda e qualquer dificuldade (BARTH, 132).

Em Marcos 10.42-45, Jesus trata em polêmica contra a soberba de Jacobo e João que querem posições de senhorio, privilégio e domínio. Como usa de linguagem de servidão e escravatura, logo no versículo 45 ele fecha o discurso em linguagem relacionada em termos de extrair seus discípulos de tais confins de opressão. O versículo deve ser visto sob a perspectiva do tratamento por Barth referente ao conceito resgate (77-81) e não como agora o coloca como expressão de expiação vicária. Parece tratar mais a questão de invalidar a procura por poder e posição.

Em Marcos 14.24, Jesus coloca que seu sangue, sua vida, é derramada por muitos, porém não é especificado que tal morte deve ser compreendida como tendo efeito vicário. A implicação é de que a vida derramada está vinculada a salvação, mas o modo não é especificado. A troca da vida de Barrabás em relação à morte de Jesus certamente pode ser visto como evento vicário, mas tem ao mesmo tempo um impacto de realçar o nível de pecado do povo, como se vê a progressão de pecado nas narrativas de Gênesis capítulos 2 a 6. As colocações por Barth (133-134) referentes à suposta vicariedade, portanto, podem ser explicados de forma simples em sentido de destacar e enfatizar a impiedade, injustiça e óbvia culpabilidade da crucificação. Há, porém, outra explicação da fórmula expressa por Jesus nesta passagem, geralmente ignorada. Os judeus da época de Jesus costumavam pagar uma quantia acertada entre os pais de um jovem casal, chamada o preço da noiva. Quando a quantia fora acertada, o jovem pretendente enchia um copo de vinho e oferecia à donzela com as seguintes palavras “Este cálice é o novo pacto no meu sangue, que ofereço a ti”, as mesmas palavras referidas por Jesus—a expressão do compromisso por parte do noivo em oferecer sua vida e proteção à sua noiva, caso ela aceitasse a proposta (LAAN, 1-2).

A questão do “porquê” e “para quê” é relevante em termos do conteúdo do Salmo 22. Também a colocação de Barth (135) referente ao mal-entendido do povo das palavras de Jesus ecoam o pano de fundo histórico de Jesus ter pronunciado sua exclamação em hebraico, expressamente de Salmo 22, certo sentido do qual sendo preservado ou enfatizado por Marcos, mesmo partindo da tradução normativa, enquanto a frase em aramaico seria mais facilmente compreensível pelo povo. Lembra-se que Marcos era o intérprete de Pedro, homem não-culto, e teria com frequência seguido a forma traditiva passado por Pedro. De Marcos ter mudado a citação para o aramaico não infere muita coisa referente à procura do original, tanto como levanta perguntas sobre o propósito dele fazer tal ênfase. Enquanto Marcos diverge a atenção de uma citação “piedosa” do Salmo, ênfase recai sobre a distância que Marcos quer colocar entre Jesus como o Messias, Salvador sofredor e o tal divino operador de milagres. A modificação de Marcos enfatiza a sua própria ênfase literária, sem realmente afetar o tratamento autêntico do Jesus sendo apresentado—realça o que é de mais interesse ao propósito marquino.

Lucas não fundamenta o perdão de pecados na morte de Jesus em qualquer passagem de seus dois volumes (BARTH, 140).

Pela questão modelar do tratamento do sofrer de Jesus e dos discípulos (BARTH, 140-141), pode ser que Lucas visa mais usar o conceito modelo para enfatizar em Atos a continuação de tudo “o que Jesus começou a fazer” (Atos 1.1).

Lucas simplesmente não se preocupa muito em explicar a morte de Jesus em termos salvíficos por ver a efetivação salvífica de Deus na ressurreição e exaltação de Jesus. Ele trata a sua morte, portanto, em termos de caráter ético e moral—um modelo para o cristão (BARTH, 141-143). Deve-se levar em conta, portanto, que uma devida explicação da morte de Jesus a forças deve considerar o “descaso” que Lucas leva ao assunto em termos soteriológicos.

O Evangelho de João é o que alude mais à iminente paixão de Jesus (BARTH, 146).

Para João, a morte de Jesus aparentemente vem a ter o sentido do confronto culminante entre o homem pecaminoso e Deus (BARTH, 147).

Enquanto temos na morte de Jesus o conflito entre pecado e justiça, tem-se ainda um aspecto glorificador (glória em si designa “revelar a essência de”) da verdadeira identidade de Jesus. “A infâmia [da traição] é a glorificação de Jesus”, qual rejeição culmina na sua morte sobre a cruz (BARTH, 147).

A morte de Jesus na cruz revela de forma concreta tanto o juízo de Deus como o amor de Deus em oferecer-se para reconciliar o mundo (BARTH, 148).

Nota-se que em geral as passagens que Barth identifica de João como expressões de vicariedade são expressamente vicários, mas nada indica forçosamente que tenham vínculo com conceitos de expiação. João 1.26 trata de expiação, mas não necessariamente de vicariedade. A idéia do Batista é de que esse cordeiro traria expiação, mas nem tanto troca de morte por morte, enquanto as frases de vicariedade em geral apontam para demonstração de amor profundo, conforme as citações referenciadas por Barth (148-149).

A missão básica de Jesus (de acordo com João) é revelar o Pai (BARTH, 150).

“Como o mundo ama as trevas mais do que a luz, a revelação da luz necessariamente leva ao confronto com o mundo das trevas, ou seja, leva à cruz...é a revelação do amor no sofrimento” (BARTH, 151).

Êxodo 19.5 – aliança rota, cf. 2ª Crônicas 7.14. ver Jer 31/65.

Perdão de pecados – parolítico Mr. 2 e Lc.2 sem vínculo de morte. Perdão em Gênesis 3-4 sem vínculo sacrificial.

Divindade, unidade divina – “O maior mandamento é este: Ouve.. O Senhor teu Deus é um..” cf. Mr. 12.29-30.

Resgate – vínculo com aliança/matrimônio e o preço da noiva em contraste ao preço da traição? (Mr. 14.10-25; Lc. 22.1-22).

Quem não honra o Filho não honra o Pai.

Pão do céu que dá vida.

Comer/beber do sacrifício (João 5).

“Para reunir em um só corpo todos” (João 11) – matrimônio?.

“atrairei todos a mim”.

“Amaram mais a glória dos homens/trevas que a de Deus” (João 3/12).

“O mundo me odiou primeiro a mim” (João 12).

Contudo não estou só, pois o Pai comigo – não foi abandonado.

“Que conheçam a Ti” (João 17.3, 24-26).

“A si mesmo se fez Deus” (João / Atos).

“Nenhum de seus ossos” (João).

Aliança (Atos 3).

“Pedro, cheio do Espírito Santo”.

Mostra-se com clareza a maldade na acusação de Jesus com testemunhas falsas que não foram mortos conforme designação da lei.

“Quem é este que até mesmo o mar e os ventos o obedecem” logo o demoníaco gadareno (Mr. 4-5). Assim, Marcos trata de que Jesus é Senhor até sobre as foças do mal.

“Ninguém vem ao Pai senão por mim” (João 14.6).

“Mostra-nos o Pai” (João 14.9-10).

João 6 “comer e beber” → sacrifício pascal, aliança?.

João 14-16 → missão e identidade Jesus/Pai/Espírito.

03/outubro → Barth 151-165

Tratando o texto de Barth referente à forma de argumentação do autor de Hebreus, é bom lembrar que o argumento é dirigido aos cristãos, não aos judeus incrédulos. É, portanto, uma lembrança ao cristão da centralidade da ação redentora de Cristo em contraste às obras do sistema legalista judaico e vetero-testamentário. A carta dirige-se, portanto, a chamar o cristão a fidelidade a Deus mediante a fé em Cristo desvinculadamente às questões de méritos legais do sistema sacrificial antigo. Não é de se esperar que um judeu da época teria aceito a argumentação exposta, pois fora elaborada para os próprios cristãos, incluindo pressupostos cristãos que não necessariamente o judeu teria acolhido (i.é. — Jesus é o Cristo).

Ao tratar a passagem de Hebreus 9.13s, é importante lembrar que a passagem trata do sacrifício para purgar impurezas ritualísticas, não propriamente de pecado. O tratamento vincula-se também com o sacrifício da promulgação de aliança conforme sacrifícios tais retratados em Gênesis 15.9-21, Êxodo 24.3-8; Salmo 50.5; Jeremias 31..31-34; 34.17-20¹⁰.

O sacrifício de Êxodo 24 refletido na passagem de Hebreus 9.13s era visto como símbolo da ratificação da aliança. O sangue arrojado sobre o altar indicava a presença de YHWH, enquanto o sangue arrojado sobre o povo, indicando sua aceitação da proposta (DURHAM, 339 e 343).

Lembra-se que o sacrifício “pelo pecado” (Levítico 15.15,30) não é a melhor tradução do conceito hebraico, sendo melhor traduzido por “sacrifício de purificação”, especialmente em vista de que em certos casos a oferta não tem vínculo com a questão pecado (HARTLEY, 55-57, 210). Tal não denota necessariamente a expiação de pecado em si, mas é parte do processo expiatório, como pode-se ver em Levítico 15.15.

Lembra-se que o termo santificar (Hebreus 9.13 e Barth, 155) tem a idéia de separar, o que volta a lembrar em vínculo com a idéia de purificação ritual a questão da apropriação da aliança sendo promulgada por YHWH. O povo

¹⁰ LANE, 239-242.

aceita a proposta e é separada para serviço a YHWH, conforme Êxodo 19.5-6, onde o povo é chamado para ser separado para pertencer a YHWH.

Barth não precisa escapar de conceitos veterotestamentários para falar de um “muro cósmico” (BARTH, 157), pois já o hebreu pensava no firmamento como tal muro, acima do qual estava o mero trono de YHWH (Veja “Conceito Hebraico do Universo” em HARBIN, Teologia das Narrativas, 22).

“Como vimos, o Novo Testamento não dá somente uma resposta, mas uma série de respostas à pergunta por que Jesus teve que sofrer essa morte” (BARTH, 159).

Nossa linguagem é falha por partir de seres finitos e falhos, porém, é necessário falar de Deus, mesmo em formas um tanto falhas. Ao mesmo tempo é necessário lembrar as limitações de nossas conceituações teológicas (BARTH, 161).

“Que o significado salvífico da morte de Jesus vai além do nosso entendimento, torna-se visível justamente na justaposição de diversas interpretações e no uso de diferentes conceitos e esquemas, que não coincidem inteiramente”¹¹.

Barth coloca como necessário escolher entre as interpretações neotestamentárias para dar explicação da morte de Jesus (163), porém o próprio NT não divorcia as várias interpretações lançadas uma da outra. Ela as coloca como ingredientes ou partes do quadro completo. Deus não foi até a cruz apenas para mostrar seu amor, nem apenas para mostrar o âmbito do pecado humano, nem apenas para tratar a expiação de pecado, nem apenas para efetivar resgate ao homem escravizado pelo pecado, nem apenas para revelar a justiça de Jesus, nem apenas para dar um exemplo para os discípulos. Cada um desses elementos trabalha em conjunto com os demais para explicar o agir de Deus na cruz de Jesus Cristo.

A morte de Jesus é elemento necessário para uma compreensão e validação do ministério de Jesus—o seu ministério não pode ser desvinculado de sua morte (BARTH, 163).

A salvação do homem depende da ação aproximadora divina, sendo que é a própria culpa do ser humano que o faz necessitado de salvação (BARTH, 163).

Como é necessário tentar compreender a morte de Jesus, a sua morte também interpreta a compreensão cristã da identidade de Deus e conceitos de cristologia, soteriologia, antropologia (BARTH, 165)..

10/outubro → Recesso acadêmico.

17/outubro → Érickson 311-325; Grudem 509-522

Na encarnação, “Jesus renunciou ao exercício independente de seus atributos divinos, ... [tal que podia] exercê-los apenas na dependência do Pai e em associação com a posse de uma natureza plenamente humana” (ÉRICKSON, 313).

A transformação das vidas dos discípulos é testemunho suficiente da ressurreição de Jesus, pois deram suas vidas em testemunho de sua esperança e do seu testemunho (ÉRICKSON, 314).

Érickson trata do corpo ressurreto de Jesus como ainda não ascendido ao Pai (ÉRICKSON, 314), porém Jesus pediu a Tomé que o tocasse, mesmo que a Maria Magdalena para não o tocar por razão de não ter ascendido ao Pai. Fica difícil aceitar, portanto, a explicação de Érickson de que o seu corpo ainda não tinha sido transformado em corpo espiritual.

“A ascensão de Jesus não foi uma mera mudança física e espacial, mas também espiritual” (ÉRICKSON, 315).

O sentar de Jesus à direita do Pai “é um símbolo de autoridade e governo ativo” (ÉRICKSON, 316).

O reinar de Cristo não é apenas uma questão de exaltação final, pois já reina nas vidas dos seus discípulos (ÉRICKSON, 318).

Jesus atua em reconciliação em termos de intercessão e expiação (ÉRICKSON, 319).

No tratamento de Érickson das teorias de expiação ele realça as posições extremas de cada conceito, cada qual é levado em forma isolada para explicar a expiação realizada em Cristo. A teoria sociniana (320) tem alguns elementos positivos e bíblicos que devem ser mantidos, mas não a formulação extrema isolada. A teoria de influência moral tem peso de certos elementos bíblicos e aspectos positivos que devem ser respeitados, porém não a formulação extrema, como o pecado ser apenas “uma doença da qual precisamos ser curados” (321).

No tratamento de Orígenes citado por Érickson (323-324) há um descaso da temática do Êxodo do povo das mãos de Faraó (ou aparente ignorância da aplicabilidade do termo resgate ao evento). Essa temática teria sido de extrema importância ao judeu em sua reflexão sobre a ação divina em resgatar o povo.

“Em sua morte, Cristo (1) deu-nos um exemplo perfeito do tipo de dedicação que Deus deseja de nós, (2) demonstrou a grande extensão do amor de Deus, (3) Salientou a seriedade do pecado e a severidade da justiça de Deus, (4) triunfou sobre as forças do pecado e da morte, libertando-nos de seus poderes, e (5) ofereceu satisfação ao Pai por nossos pecados” (ÉRICKSON, 325).

Em Gênesis 2.4b-4.26, encontramos uma seqüência narrativa traçando reflexões teológicas referentes ao pecado—sua definição, suas conseqüências, sua extensão—bem como a resposta de Deus ao pecado. Nestas narrativas temos o cerne dos pressupostos teológicos veterotestamentários sobre o pecado e a atitude divina frente ao mesmo. Não deve-se supor que estas narrativas foram compreendidas e suas implicações aceitas entre todo o povo hebreu em toda a sua história, mas formam o cerne teológico para o redactor final do Pentateuco, mesmo que este às vezes

¹¹ SCHLINK citado em BARTH, 162.

retrata conceitos de épocas posteriores ou níveis teológicos superiores ao tratamento dado em outras passagens veterotestamentárias.

YHWH vem sendo apresentado nestas narrativas como justo e misericordioso, agindo de acordo com a sua graça para com o homem. Este mesmo YHWH trata o homem caído não em vingança ou ira, mas em busca de reconciliação. Enquanto Caim teme o que os demais homens farão em retribuição, YHWH age em sua proteção. Enquanto o homem procura apontar o dedo a qualquer lado para escapar de sua culpa, YHWH atua para restaurar-lhe o que é possível em sua nova condição, provendo ao mesmo tempo alertas da nova condição e fazendo por ele o que não lhe é possível sem ajuda, atuando até para protegê-lo de viver para sempre na condição de pecador. Ao mesmo tempo, as narrativas revelam o efeito cumulativo do pecado sobre a humanidade, fornecendo o pano de fundo para a narrativa do dilúvio nos capítulos que seguem.

Na narrativa do dilúvio, o narrador começa com a colocação de que o homem havia destuído a criação de YHWH, portanto YHWH resolve dar à criação um novo começo—uma segunda chance e um novo começo (re-criação) em face da dor que sente ao ver a destruição lavrada pela humanidade. Assim, YHWH age para restaurar e consertar aquilo que o homem havia destruído.

24/outubro → Érickson 327-340; Grudem 523-529

Erickson trata que Deus pode ser descrito como “alérgico ao pecado...compelido a afastar-se do pecado” (328), porém, não é isso que se vê no ministério de Jesus no seu comer com “publicanos e pecadores” especialmente em relação a Zaqueo, nem em Gênesis 3 e 4 quando YHWH se aproxima ao homem pecador para reconstitui-lo a um relacionamento de comunhão, mesmo estabelecendo proteção sobre a vida de Caim. Obviamente o pecado não Lhe agrada, mas nem por isso exerce qualquer controle sobre o Altíssimo. Os textos que Érickson cita em apoio ao conceito do “Deus alérgico” (ÉRICKSON, CT, 285-286) referenciam homens pedindo distancia de Deus frente a sua pecaminosidade (Isaías 6.5 e Lucas 5.8), não Deus criando tal distância. Em Êxodo 20.19, encontra-se as palavras do povo que não quer que YHWH lhe fale diretamente, mas que Moisés lhe seja portavoz. De certo, no contexto há também registros de YHWH fazer demarcar limites para que o povo não se aproximasse demais ao monte, porém, entende-se que fosse igualmente a vontade do próprio povo ter distância de YHWH por causa de seu sentimento de culpa.

A lei (torá—“instrução” cf. HOUTMAN em WOLDE, 166 e LASOR, 3) deve ser concebido em termos de ensinar o homem a relacionar-se com Deus (ÉRICKSON, 328).

A punição inevitável do pecado (ÉRICKSON, 329) pode ser concebido em termos de conseqüência natural, de acordo com as “leis naturais” que Deus estabeleceu para reger o universo. Assim também, a instrução da lei—os mandamentos do Criador—fornecem ao homem explicação referente a como viver no mundo criado por YHWH.

O homem é completamente incapaz de fazer qualquer coisa para efetivar a sua própria salvação (ÉRICKSON, 329), logo depende expressamente de Deus.

O animal de sacrifício ideal no sistema sacrificial veterotestamentário era o boi, sendo que esse deveria ser o melhor. Pelo valor e uso considerável desse, consideraria-se que tal animal podia ser apresentado apenas por aqueles grandes fazendeiros em ocasiões de fartura (GERSTENBERGER, 27), conseqüentemente o valor imensurável de tal sacrifício é apontado.

“Isaías 53 é o único texto do Antigo Testamento que trata de uma morte (vicária) pelos pecados das pessoas” (BARTH, 65). Ainda assim, Isaías 53 traça a questão de morte vicária não em termos de apaziguar ira, mas de trazer reconciliação em meio ao reconhecimento de males cometidos entre os ofensores e Deus (WATTS, 233). Assim, mesmo quando o conceito de morte vicária é apresentado em Isaías 53, não vem a ser igual ao conceito helenístico de morte vicária. Como Barth continua comentando, Isaías 53 não parece ser a fonte base de expressão do conceito de morte vicária no cristianismo (BARTH, 65).

O tratamento do pano de fundo do Antigo Testamento oferece no mínimo a opção de um desvínculo entre expiação e vicariedade. Perde-se uma compreensão direta de expiação não-vicária pelo surgimento do conceito de vicariedade. Barth não toma o tempo para procurar uma explicação concebível de expiação vinculada a morte sem que seja morte vicária. Parece ser uma falha completa, pois havia morte em sacrifícios através do Antigo Testamento, nenhuma das quais era compreendida em sentido de vicariedade. Já a expiação no Antigo Testamento também pode ser desvinculado de morte, para o qual uma compreensão de expiação sendo unicamente de caráter vicária é simplesmente inaceitável.

Pelo vínculo de expiação com os objetos cúlticos do templo/tabernáculo, entende-se que expiação tinha a ver com a restauração de comunhão com Deus. O sangue do animal roseado sobre o altar e a arca da aliança (a tampa da qual era representativo do trono de YHWH, ou sendo o seu trono na terra) e sobre o ofertante simbolizava tal aproximação, já que a vida derramada voltava a YHWH e o ofertante haveria colocado suas mãos sobre o animal, seria também levado perante YHWH, restaurando a presença de YHWH no templo e na sua vida—caso YHWH aceitasse a oferta! Como o sacrifício era visto como dependendo da aceitação de YHWH, não é propriamente a morte ou mesmo o sacrifício que efetua expiação, mas o próprio YHWH, o que leva o evento sacrificial a ser visto mais como um ato de obediência e reflexão do que um ato salvífico em si.

Veja o tratamento de Barth, nas páginas 62-63 referente ao conceito veterotestamentário referente ao sacrifício. Erickson trata sacrifício em termos de vicariedade (ÉRICKSON, 330), porém, esse não parece ser o conceito do Antigo Testamento.

Enquanto Erickson denota a oferta da vida de Jesus como resgate de escravidão (ÉRICKSON, 331), os textos citados não referenciam necessariamente escravidão. Pode ser que a implicação de Jesus seja do resgate da noiva da casa de seu pai, em lugar de escravidão em si. Por outro lado, a especificação de resgate da escravidão pode ser visto no contexto do Êxodo.

As colocações de Erickson referente ao conceito de substituição ou vicariedade (ÉRICKSON, 331), podem ser também compreendidas em sentido de uma morte a favor do povo que possibilita salvação, sem necessidade de ser interpretado em sentido vicário.

“O amor do Pai e o do Filho são intercambiáveis” (ÉRICKSON, 332).

A ira de Deus referenciado por Erickson no texto de Romanos 1.18 (ÉRICKSON, 332) parece denotar a forma de consequência natural do pecado, conforme a lei da criação. Isso se dá ao notar que a passagem descreve um crescimento de consequências do pecado dando fruto natural, sendo essa progressão definida como a ira de Deus. Em Cristo, Deus intervém para tirar o homem dessa problemática.

Erickson trata o tema da ira de Deus de forma muito estreita, com sentido equivalente à ira ou raiva humana (ÉRICKSON, 333-334). A ira de Deus na Bíblia aparece mais em sentido de justiça do que raiva. No dilúvio, a ira de Deus revelada não foi em sentido de raiva, mas em sentido de corrigir a destruição ou ruína efetivada pelo homem para re-estabelecer a criação. Ali—Gênesis 6.11-12—a mesma palavra hebraica é usada para descrever o que o homem há feito com o mundo e o que YHWH está prestes a fazer (WENHAM, G., 172 e WOLDE, 122).

Em resposta à pergunta de Erickson referente a propiciação (335), primeiramente ressalta-se que o próprio texto mencionado indica a disposição de YHWH em perdoar. No caso de Caim, YHWH vem ao seu encontro, explicando que o seu sacrifício não foi aceito por falta de arrependimento. Nesse sentido, o sistema sacrificial do Antigo Testamento visava fornecer as bases para uma expressão de arrependimento e aproximação do pecador para com YHWH. O homem expressa a sua dependência e necessidade de forma humilde em arrependimento no sacrifício veterotestamentário, tal como o faz perante Jesus nos moldes do Novo Testamento.

Quando Erickson cita Robertson em apoio ao conceito substitutivo (ÉRICKSON, 336), é válido lembrar que estudo do sistema sacrificial do Antigo Testamento (como mostra BARTH, 62-63) não utiliza-se de conceitos de morte vicária. Robertson não tinha acesso a tal compreensão veterotestamentária, o que invalida sua conclusão gramatical apontada por Erickson. Há outra forma gramaticalmente apropriada de compreender a passagem quando se trata de um sistema sacrificial diferente do conceito vicário.

Deus não é obrigado a exigir pagamento pelo pecado, mas a questão perdão depende de arrependimento para que possa haver uma restauração de comunhão. Não importa se Deus perdoar ou não, se o homem não se dispõe a um relacionamento com o seu Criador. Deus, porém, age para trazer o homem a um relacionamento que inclui o perdão de todo e qualquer pecado. Isso, porque Deus quer um relacionamento com o homem, mesmo que o homem tem se distanciado de Deus.

31/outubro → Érickson 369-379

João 3.1-16—no encontro com Nicodemo, Jesus utiliza várias forma de explicar uma única verdade, referente à necessidade de estabelecer um relacionamento de fé para salvação. Como Nicodemo não compreendia, havia a necessidade de usar mais de uma forma para explicar. Não lhe era possível falar sem usar figuras, pois o celestial é além da compreensão humana.

João 3.17-21ss. “Já está julgado”... Jesus veio para livrar da condenação. “E o julgamento é este, que os homens amaram mais as trevas do que a luz, pois a suas obras eram más”. O julgamento e a condenação já estavam realizadas e atuantes na humanidade, como também são até hoje. Não havia de se esperar a chegada de um dia de juízo, mas apenas a efetivação da sentença. No interino antes da morte do indivíduo, porém, existe a possibilidade de ser inocentado por Cristo. Em outras passagens trata-se de um juízo vindouro, mas aqui de outra perspectiva, qual trata o julgamento como fato já no passado, qual temática será repetida em 5.24-25.

Em João 5.5-14, Jesus vincula a cura do paralítico com questões de fé e pecado. Jesus não curou a todos, mas curou a este. Logo, a cura deste paralítico vincula-se com o ensino de Jesus referente ao morto ambulante (5.24-25). Já há condenação e juízo, o homem apenas está aguardando cumprir a sentença, mas existe a possibilidade de ser inocentado, mesmo que já foi julgado culpado.

A salvação inclui três aspectos: justificação, santificação e glorificação (ÉRICKSON, 370).

A salvação pode ser concebido em termos verticais, horizontais como também internos (ÉRICKSON, 370), já que o relacionamento com Deus influe consequentemente nos relacionamentos com os demais e também em mudanças no interior do indivíduo.

Como é tratado que o movimento da salvação pode partir do social ao indivíduo ou do indivíduo ao social (ÉRICKSON, 371-372), deve-se manter atento às implicações da salvação no relacionamento entre o indivíduo e a sua sociedade.

“Deus era muito capaz de resgatar-nos das incomensuráveis profundezas da morte de outra maneira, mas desejou mostrar os tesouros de sua bondade infinita quando não poupou o Filho único” (Calvino em GEORGE, 220).

Lembra-se ao tratar o encontro de Jesus com Nicodemo que Jesus viu a necessidade de empregar várias simbologias para explicar uma única verdade a Nicodemo. Como este não compreendeu o primeiro, Jesus utilizou outro retrato para comunicar a necessidade de regeneração, e logo outro.

É necessário ressaltar que a salvação contém dois aspectos essenciais que logo se mostram em várias polaridades. Somos salvos “de” certas coisas e “para” outras. É comum tratarmos mais o aspecto negativo (salvos de ...), porém esse não é o quadro completo. O resto do quadro ressalta tanto o compromisso do cristão como a promessa que lhe é feita. Como nova criatura, o crente agora tem outra possibilidade de atividade, embuído de um novo propósito e referencial. O quadro que se segue não pretende ser completo, mas ilustrativo das consequências de vida da salvação.

Salvos De...	↔	Salvos Para...
Arrogância	↔	Humildade
Condenação	↔	Justificação
Derrota	↔	Vitória
Desconfiança	↔	Confiança (Fé)
Desesperança	↔	Esperança
Desobediência	↔	Obediência
Despreparo	↔	Estarmos preparados
Dominância	↔	Serviço
Escravidão	↔	Liberdade real
Falsidade/Erro	↔	Verdade
Falta de propósito/rumo	↔	Missão
Ignorância	↔	Conhecer a Deus
Imagem deturpada/depravada	↔	Semelhança de Deus
Impureza	↔	Purificação
Individualismo	↔	Comunhão com outros/mundo/Deus
Inferno	↔	Céu
Infidelidade	↔	Fidelidade
Ira	↔	Recompensa
Legalismo	↔	Graça
Luta/Conflito	↔	Paz
Medo	↔	Confiança
Mortandade	↔	Regeneração
Morte	↔	Vida das eternidades
Ódio	↔	Amor
Pecado	↔	Boas obras
Reinar do ego	↔	Reinar de Deus
Separação de Deus	↔	Relacionamento com Deus
Sermos surpreendidos	↔	Sermos vigilantes
Trevas	↔	Luz
Vida infrutífera	↔	Fruto/produtividade

A salvação vem pela fé—de graça como fruto do amor de Deus, dada a todos que aceitarem. Há, porém, uma forte demanda sobre o receptor em relação ao compromisso que ele assume com Deus. Ele é salvo em graça, mas também para graça. Ele é salvo do pecado para viver conforme a instrução e propósito de Deus. É simplesmente impossível ser salvo sem que haja a consequência de cumprir com as “boas obras”, pois somos salvos para uma nova vida. O que tem fé produz fruto—fruto de uma vida de comunhão com Deus (Gálatas 5.22-23), que é uma consequência natural da salvação. Conforme Efésios 2.8-10, somos salvos para realizar as boas obras que foram estabelecidas para o nosso caminhar. É necessário realçar o fato de que a fé tem como objetivo transformar vidas, não um escape do inferno. Para tal, há como condição sumária o relacionamento de entrega a Cristo, que efetua um novo proceder, uma nova vida, uma transformação radical que faz de Cristo Senhor absoluto. É para tal que somos salvos—de nós mesmos para Deus.

Em Gênesis 22, 1ª Reis 18.21-39 e Mateus 6.5-8 encontra-se textos que refletem um contraste entre o culto devido a Deus e a forma cultiva pagã, junto com os seus conceitos de deuses que precisavam ser convencidos a ouvir o cultuante. Abraão foi ensinado que YHWH não queria sacrifícios humanos para demandar sua atenção para que abençoasse o sacrifício supremo do ofertante. É o próprio YHWH que oferece o animal para o sacrifício que deve ser-lhe entregue. No monte Carmelo, os profetas de Baal fazem de tudo para serem ouvidos, mas YHWH não precisa ser instigado a responder—a oração de Elias é bem simples e direta, sem repetição, nem atos que revelam qualquer qualidade pessoal além de confiança. Jesus ensina os seus discípulos que Deus está pronto para ouvir, mesmo reconhecendo suas necessidades de antemão. Logo não é necessário fazer qualquer coisa para agarrar sua atenção—“crê tu somente”. No texto de Hebreus 9, encontra-se também o conceito de que pelo sistema sacrificial expiação não é efetivado pelo sacrifício, pois no sacrifício “faz-se recordação de pecado”. O pecado não é eliminado, mas lembrado. Neste lembrar, o ofertante era implicado referente a sua falha, que em arrependimento o instigava a voltar-se a YHWH.

07/novembro → Érickson 381-390

Érickson defende que a predestinação precisa ser compreendida e estudada a fundo, sendo obrigação do cristão cumprir com tal por definição de que a Bíblia menciona o conceito (Érickson, 381). No entanto, a Bíblia menciona muitas coisas que não carecem de enfoque detalhado, pois um enfoque detalhado sobre elas resultaria apenas em desviar a atenção do cristão daquilo que é realmente importante. Para um teólogo, pode ser necessário fazer uma análise de questões com os quais seus alunos, discípulos, e leitores se preocupam. Érickson mesmo não dá razão para validar a sua colocação.

Emprega-se o termo predestinar em relação à salvação apenas em Romanos 8.29-30 e Efésio 1.5. Deuteronômio 4.7 fala de Deus ter escolhido o povo de Israel por ser um povo insignificante, conseqüentemente, para mostrar sua grandeza ao mundo, não para salvar apenas Israel (Deut 10.15). Nehemias 9.8 menciona a escolha de Abrão (Isaías 51.2 e Ezequiel 20.5 a escolha de Israel (Isaías 41.8-9; Atos 13.17). Marcos 13.20 referente aos escolhidos em Jerusalém. Lucas 6.13 e João 15.16 referente à escolha dos 12. Efésios 1.4 refere-se aos crentes como escolhidos. 1ª Tessalonicenses 2.3 cristãos como primeiros frutos. Deuteronômio 28.10 fala do povo como sendo chamado povo de YHWH (2ª Crônicas 7.14; Isaías 43.1-7; 44.5; 48.1,12,15; 49.1; Jeremias 14.9; 15.16; Amós 9.12; Atos 15.17; 1ª Coríntios 1.24 usa o termo em sentido de pertencer a YHWH, seguindo o conceito de que domínio é refletido no nomear o outro—Gênesis 1.5,8,10; 2.19-20; 3.16,20). Romanos 1.6-7 usa o termo chamado em sentido de convocação a um propósito (1ª Coríntios 1.2,9; 7.15; Gálatas 5.13; Efésios 1.18; 4.4; Colossenses 3.15; 1ª Timóteo 6.12; Hebreus 5.4; 1ª Pedro 2.21; 3.9; 5.10). Romanos 9.24,26 refere-se ao povo sendo chamado a existir como povo de YHWH. É usado o termo chamado em sentido de ser redimido (1ª Coríntios 7.17-24; Gálatas 1.6,15; Efésios 1.14; 2ª Tessalonicenses 2.14; 2ª Timóteo 1.9; Hebreus 9.15; 11.8; 1ª Pedro 1.15; 2.9).

Propriamente, o termo grego προορίζω quer dizer “decidir de antemão”, podendo ser traduzido no sentido estrito de predestinar nos termos calvinistas mais severos, como também pode ter o mesmo sentido apontado por Warfield (cf. E, 381) de uma intercambiabilidade com outros termos de Romanos 8.29. A forças, o termo não vem carregado de sentido fatalista, mesmo que possa comportar tal conceito. Deve-se cuidar, portanto, para não impor uma interpretação teológica sobre o texto de Romanos e Efésios a partir de formulações teológicas externas ao texto. Por esta ótica, deve-se também lembrar que o estilo hebraico de usar paralelismo pode bem aplicar-se nesta passagem de Paulo. Se a construção lingüística reflete realmente um uso de paralelismo, pode-se optar entre usos de sinônimos complementares ou por um desenvolvimento conceitual gradativo. Pelo tanto, não há base suficiente aqui para compreender que o texto demanda uma compreensão fatalística em relação à predestinação de Deus.

A posição de Érickson sobre predestinação depende do conceito que ele elabora da soberania completa de Deus. Conforme descrito, Deus seria o único agente de vontade independente no universo criado. Tudo o que Deus realmente quer acontece, e tudo que acontece é obra e vontade de Deus. Partindo desta ótica, a única solução possível é de predestinação dupla.

Érickson coloca (p. 388) que o ser humano é incapaz não apenas de salvar-se, mas de desejar ser salvo. Para ele, é apenas quando Deus intervém para modificar a vontade humana que o indivíduo pode desejar ser resgatado por Deus. Entretanto, Érickson não sustenta as afirmações com base definitiva. Os trechos aos quais aponta tratam do ser humanos em sentido genérico, não procurando ser categóricos ao ponto de negar mesmo um ato decisivo voluntário para procurar salvação em Deus. É definitivo que o ser humano não pode se salvar, mas o que não pode ser definido com tanta asseveridade é que o homem não possa por si mesmo querer desvencilhar-se de sua escravidão ao pecado. É necessário que o homem tenha vontade própria real, no entanto, para que tal possibilidade fosse real.

14/novembro → Baillie 179-205; Érickson 391-402

Veja o ensino de Lucas 9.57-62 que revela um chamado de Jesus rejeitado pelo ouvinte em contraste ao tratamento de Erickson (392) de que o chamado de Deus não pode ser rejeitado.

A posição de Erickson (394) reivindica para Deus uma soberania absoluta reivindicada de forma completa, o que logo é incompatível com passagens como 1ª Timóteo 2.4.

“Às vezes, a igreja se esquece de que há variedade na maneira de Deus agir” (ÉRICKSON, 394).

Em Gênesis 6.6, encontra-se o termo hebraico nacham geralmente traduzido como “arrependeu-se”. No entanto, este termo está colocado no contexto de um paralelismo de duas frases do mesmo versículo, o que aponta para uma compreensão do termo mais em sentido de “condoeu-se”. Logo, “arrependeu-se YHWH” e “pesou-lhe o coração” tem o mesmo significado--lamentar. Em passagens como esta, YHWH é visto como sofrendo por causa do pecado humano, tal que altera seus planos em resposta à ação humana. Neste uso, não há nenhuma conotação moral, mas sim alteração de planos. É nessa alteração de planos que vincula-se o conceito com aspectos morais de transformação de vida ao tratar do ser humano. No contexto humano, porém, a necessidade da alteração é conseqüência de uma necessidade moral, enquanto a ação divina segue de forma coerente com o caráter moral e ético de YHWH. O termo mais usado no Novo Testamento em termos de arrependimento para salvação também denota esta transformação de mente ou atitude. “Quando [o arrependimento] é do pecado e para Deus, o caminho da salvação há começado” (MOODY, 312).

Outro aspecto de fé que é essencial a ser tratada é o seu caráter relacional. Fé é um relacionamento de confiança, não apenas uma aceitação proposital ou crença. Fé denota a forma adequada de relacionar-se com Deus e a forma conseqüente de viver neste relacionamento (MOODY, 309 e 327).

“A regeneração é o início de um processo de crescimento que continua ao longo da vida” (ÉRICKSON, 401).

“A fé salvadora exige...que a pessoa se comprometa de modo ativo com Deus” (ÉRICKSON, 402).

“Intenção e sentido nunca estão numa relação de correspondência exata com os símbolos audio-visuais que chamamos palavras e linguagem” (STAGG, 76).

Gênesis 2.24; 2ª Samuel 17.3; 1ª Reis 11.2; Isaías 61.10; 62.5; Jeremias 2.2,32; 7.34; Oséias 9.1; 1ª Coríntios 6,7,9,10,11; 2ª Coríntios 11.2; Efésios 5.21-33; Apocalipse 19.7-9; 21.2,9 e 22.17 entre outras passagens tratam do relacionamento entre Deus e o povo como refletindo o compromisso de matrimônio. Nas passagens de 1ª Coríntios, este compromisso está ligado à celebração da ceia do Senhor como expressão de aceitar a proposta matrimonial de Cristo. Neste contexto, a salvação exige o compromisso de fidelidade matrimonial, pois fomos comprados por Cristo como também a noiva era comprada da casa de seu pai. Passamos, então a pertencer a Cristo, de certo sentido como propriedade material.

“[A lei moral e a consciência moral] são abstrações e a realidade concreta é Deus, cujo amor que sempre nos busca é o que chamamos tão inadequadamente de lei moral. É o amor que não abandona mesmo quando o traímos. E se chegamos a nos orientar na direção de Deus de modo que ele nos interessa mais do que o nosso próprio caráter, então poderemos aceitar o seu perdão e encontrar libertação e novo começo” (BAILLIE, 188).

“...Procurara reconciliação com Deus partindo de um princípio errado. Descobriu que o amor de Deus por nós não depende de nossa dignidade para recebê-lo. Nunca poderemos conquistar o amor de Deus através do nosso próprio esforço de bondade e, quando assim pretendemos, fazemos mau negócio com a nossa própria bondade, convertendo-nos em ‘fariseus’ exatamente como aqueles que Jesus tanto detestou” (BAILLIE, 194).

“A iniciativa da reconciliação procede dele. Foi feita em Cristo, e está à nossa disposição como dom gratuito que jamais poderíamos conquistar ou merecer” (BAILLIE, 195).

“Deus perdoará gratuitamente mesmo os maiores pecados se os pecadores se arrependerem e voltarem dos seus maus caminhos. Nada mais é preciso, nem expiação, nem oferendas, pois Deus já tem todas as coisas. Basta o arrependimento sincero e a rejeição real dos pecados; assim o pecador poderá contar com a misericórdia de Deus” (BAILLIE, 201).

“O perdão de Deus como agora é entendido no Novo Testamento, excede a todos os intentos humanos de expiação, porque a expiação é feita no coração e na vida do próprio Deus, o divino Pastor, que vai ao deserto em busca da ovelha perdida” (BAILLIE, 204).

21/novembro → Baillie 206-230; Érickson 403-415

“Muita confusão foi causada porque a palavra ‘expiação’ perdeu o sentido que tinha quando a Bíblia foi traduzida, isto é, o sentido de reconciliação. A palavra hebraica ... nada tinha a ver com a propiciação de um Deus irado. ...A palavra grega empregada (katallagé) que corresponde à ‘expiação’ do Antigo Testamento, significa simplesmente ‘reconciliação’” (BAILLIE, 213-214).

“Nos sacrifícios do Antigo Testamento não era a morte da vítima que se supunha efetiva, mas a vida, libertada pelo ato do sacrifício sobre o altar e assim oferecida a Deus.... E assim a morte sacrificial de Cristo sobre a Cruz não é o fim da sua obra expiadora, mas torna possível a sua entrada na esfera celestial onde a sua oferta própria continua para sempre” (BAILLIE, 224).

Somos salvos para espelhar o exemplo de Cristo de autoentrega para serviço a Deus e aos demais. Sua obediência é regra para o cristão, pois revela o caráter devido do mesmo. A salvação, portanto, deve operar transformação na vida do indivíduo tal para que seja aparente a nova vida de obediência a Deus. Nesta vida de obediência, o exemplo é sempre Cristo, portanto há necessidade de prosseguir ao alvo—ao chamado supremo de Deus de sermos como Jesus (Filipenses 2-3).

A união com Cristo é ingrediente essencial de uma compreensão da salvação (ÉRICKSON, 404).

O matrimônio ideal também reflete o conceito da união do crente com Cristo em termos do alvo a ser alcançado (ÉRICKSON, 407), tal para tornar o crente “uma só carne” com Cristo (Efésios 5.31-32).

“A justificação é uma ação forense ou declarativa de Deus, como a de um juiz absolvendo o acusado” (ÉRICKSON, 410).

28/novembro → George 264-271, 286-287

“O batismo [entre os anabatistas] às vezes acontecia como o clímax da conversão, um processo que freqüentemente envolvia uma intensa batalha emocional” (GEORGE, 264). Logo, no conceito de alguns, a conversão podia ser compreendido em sentido de um processo, compreendendo “os dois momentos inter-relacionados de fé e arrependimento” (*ibid.*).

Menno citou 10 exemplos de fé verdadeira, os quais “tinham em comum uma fé viva que as levou a uma ação decisiva e ao serviço de Deus” (GEORGE, 265).

Menno procurou oferecer um equilíbrio entre posições católicas da idade média e posicionamentos de reformadores deterministas. “A salvação é pela graça, não pelas obras; contudo, é ‘de minha própria escolha’ que eu aceito os meios da graça divina oferecidos” (GEORGE, 270).

Em 1ª João 1.5-7, encontra-se uma exortação para que não apenas seja reconhecido que Deus é luz, mas para viver nessa luz de Deus, seja viver uma vida conforme a identidade de Deus (SMALLEY, 26).

“Não podemos negar o fato do pecado, mas podemos negar a sua prática” (SMALLEY, 41).

“A genuinidade da experiência cristã é provada e estabelecida negativamente pela ausência do pecado, e positivamente pela presença do amor (obediente)” (SMALLEY, 64).

João lança um desafio ao seu público: “ser um cristão genuíno deve significar o conhecimento de Deus, um relacionamento com Cristo e força para conquistar o mal (2.12-14). Deve também significar, negativamente, a rejeição de atitudes mundanas e, positivamente, uma obediência amorosa a Deus (2.15-17)” (SMALLEY, 89).

O verdadeiro cristão pode andar na luz, e, portanto, deve (SMALLEY, 137).

Renúncia do pecado, ser obediente, rejeitar ser como o mundo, ser amoroso, manter a fé são lançadas por João como condições para viver como filhos de Deus, o que geram em consequência uma confiança em Deus (SMALLEY, 310).

05/dezembro → Baillie 231-239

Compreendendo a Morte de Jesus:

Ao considerar o estabelecimento de algumas conclusões sobre a morte de Jesus, lembre-se em primeiro lugar definir as distinções entre certos conceitos. A Declaração de Fé dos Batistas argumenta de forma clara que a morte de Jesus deve ser compreendida em termos de expiação. De alguma forma a morte de Jesus traz expiação de pecados para aqueles que aceitam a sua eficácia dentro dos parâmetros de fé. Expição refere-se expressamente à eliminação do pecado. Vicariedade refere-se à morte de um em lugar de outro. Os dois termos são comumente tratados como sendo um só conceito (expição vicária), porém permanecem sendo dois conceitos distintos que podem ser unidos em certas circunstâncias.

O Antigo Testamento trata de expiação, porém só em Isaías 53 trata-se a questão de morte vicária. O Antigo Testamento desconhece o conceito de sacrifício de morte vicária, a não ser na morte vicária de Zerubabel em Isaías 53 e o cordeiro que redime Isaque, o primogênito de Abraão (e em decorrência o cordeiro pascal nos mesmos moldes de redenção do primogênito). Na redenção do primogênito, temos o conceito de substituição, mas não vinculado ao conceito de expiação.

A compreensão básica do sacrifício de expiação no Antigo Testamento visava a aproximação do homem para com *YHWH*, provavelmente no sentido de mediar uma audiência. No entanto, no texto de Isaías 6.7, *YHWH* concede audiência direta aparentemente sem preocupar-se com a questão de culpa e pecado, mas quando o profeta levanta a questão de sua culpabilidade, uma mera brasa pôde expiar sua impureza! Aqui há expiação desvinculada de sacrifício, porém num contexto de audiência com Deus.

Deve-se, portanto, fazer uma distinção entre expiação em si e em teorias de expiação—ou seja, as formas de compreender o evento da expiação (perdão) de pecado. Expição no Antigo Testamento estava voltado à restauração de comunhão com Deus. O sangue do animal aspergido sobre o altar e a arca da aliança (a tampa da qual representava o trono de *YHWH*, sendo o seu trono na terra) e sobre o ofertante simbolizava tal aproximação, já que a vida derramada voltava a *YHWH*. Como o ofertante haveria colocado suas mãos sobre o animal antes da morte do mesmo, seria também levado perante *YHWH*, restaurando a presença de *YHWH* no templo e na sua vida—caso *YHWH* aceitasse a oferta! Como o sacrifício era visto como dependendo da aceitação de *YHWH*, não é propriamente a morte nem mesmo o sacrifício que efetua expiação, mas é o próprio *YHWH*, mediante uma atitude de graça, que torna o sacrifício eficaz. Esta compreensão leva o evento sacrificial a ser visto mais como um ato de obediência e reflexão do que um ato salvífico em si.

Quando Jesus Cristo morre na cruz, sofrendo a morte na tradição do sofrimento dos justos e da morte dos profetas (Mateus 23.29-31), é *YHWH* mesmo ofertando a sua própria vida a Si mesmo como sacrifício pelo povo para expiação e em resgate, com fins de restaurar a humanidade à comunhão quebrada por causa do pecado humano, motivado pelo amor de *YHWH* pelo homem

desgarrado. Jesus morreu, mas vive e intercede por nós eternamente. Jesus é vicário conforme Filipenses 2, no sentido de *YHWH* criar carne (João 1.14) e viver em nosso lugar, demonstrando como deveria ser a nossa vida de “servos humanos”, sendo “obediente até a morte, e morte de cruz”. Jesus não é tanto vicário em sua morte, como é na sua própria vida, da qual nos é dado participar, sendo Jesus também o modelo para seguirmos, e assim Jesus vive vicariamente naquele que crê (Rom 6.1-11, Gal 2.20).

A morte de Jesus, portanto, tem vários sentidos que não se reduzem a uma só expressão. De certo, o evangelho pregado por Jesus já está embutido no Antigo Testamento, mas na encarnação, ministério e morte de Jesus o evangelho é clarificado e o ser humano é forçado a se posicionar. Foi necessário que Deus “criasse carne”, vivesse entre nós, sofresse, morresse e fosse ressuscitado para nos salvar. Isso porque: 1) foi necessário o homem perceber de forma clara o grande amor de Deus; 2) foi necessário o homem reconhecer de forma clara a seriedade do seu pecado; 3) foi necessário clarificar que nenhum sacrifício animal (nem humano) poderia ser eficaz para a expiação do pecado; 4) foi necessário para revelar que a aliança dependia completamente da ação de Deus, quem oferece e é o próprio sacrifício para a ratificação do pacto; 5) foi necessário para a comprovação definitiva que Jesus era tanto o messias esperado como a própria encarnação de *YHWH*, ratificado na ressurreição; 6) foi necessário para revelar a importância dada por Deus (clarificado no custo da paixão) às exigências da aliança (reinar de Deus no indivíduo—reino de Deus); 7) foi necessário para convencer o ser humano que a aliança é muito mais do que o estabelecimento de uma sociedade (governo) justa aqui na terra; 8) foi necessário para definir categoricamente a importância e a necessidade de um posicionamento definitivo em termos de aceitar ou rejeitar a oferta de Deus.

Para quem se opõe às exigências do evangelho da cruz teria que encontrar uma maneira de ser valorizado por Deus, mesmo rejeitando o amor de Deus expresso no ato de Deus em entregar-se a uma morte cruel expressamente para o resgatar. Portanto, quem rejeita a Jesus Cristo desvaloriza tal expressão do amor de Deus, incluindo-se com aqueles que o crucificaram. Para esse, que outro sacrifício pode existir que valeria para retificar a sua posição perante Deus?

Jesus Cristo, portanto, é o messias não-esperado. O povo esperava um messias, mas Jesus foi bem diferente do que se esperava. O evangelho já fora comunicado através do Antigo Testamento, mas não fora amplamente compreendido, nem a sua mensagem completamente desenvolvida. Agora com a vinda, morte e ressurreição de Jesus, a mensagem é mais clara e mais confrontativa. É necessário fazer uma escolha—aceitar por completo as exigências de uma vida completamente entregue a Deus em Jesus ou categoricamente desvincular-se de Deus. Não existe outra opção: ou é tudo, ou nada.

Bibliografia:

ALLEN, Clifton J., general editor. *The Broadman Bible Commentary: Volume 1, Revised*. Nashville: Broadman Press, 1973. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).

AUNE, David E. *Word Biblical Commentary, Volume 52C: Revelation 17-22*. Dallas, TX: Word Books, Publisher, 1999.

BAILLIE, Donald M. *Deus Estava em Cristo: Ensaio Sobre Encarnação e Expição*. Tradução de Jaci Correia Maraschin. Rio de Janeiro: JUERP/ASTE, 1983. (original em inglês, 1955).

BARTH, Gerhard. *“Ele Morreu por Nós”: A Compreensão da Morte de Jesus Cristo no Novo Testamento*. Traduzido por Nélcio Schneider. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1997. (Original em Alemão, 1992).

- BEASLEY-MURRAY, George R. *Word Biblical Commentary, volume 36: John*. Dallas: Word Books, 1987. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- BRUEGGEMANN, Walter. *Genesis: Interpretation, a Bible Commentary for Teaching and Preaching*. Atlanta: John Knox Press, 1982. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- CATE, Robert L. *Old Testament Roots for New Testament Faith*. Nashville: Broadman Press, 1982. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- DAVIDSON, A. B. *International Theological Library: The Theology of the Old Testament*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1904. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- DAVIDSON, F., editor. *O Novo Comentário da Bíblia*. Editada em Português por Russell Shedd. São Paulo: Vida Nova, 1997. (Original em inglês, 1954).
- DOUGLAS, J. D., editor organizador. *O Novo Dicionário da Bíblia, segunda edição*. tradução de João Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1997 (original em inglês).
- DUMMELOW, J. R., editor. *A Commentary on the Holy Bible by Various Writers*. New York: The Macmillan Company, 1936. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- DURHAM, John I. *Word Biblical Commentary, Volume 3: Exodus*. Dallas, TX: Word Books, Publisher, 1987. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- ELWELL, Walter A., editor. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã, volume II, E-M*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1990. (original em inglês, 1984).
- ERICKSON, Millard J. *Christian Theology, Unabridged One-volume Edition*. Grand Rapids: Baker Book House, 1996. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- _____. *Introdução à Teologia Sistemática*. traduzido por Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997. (Original em inglês, 1992).
- GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. Traduzido por Gérson Dudus e Valéria Fontana. São Paulo: Edições Vida Nova, 1994. (Original em inglês, 1988).
- GERSTENBERGER, Erhard S. *The Old Testament Library: Leviticus, A Commentary*. Traduzido por Douglas W. Stott. Louisville: Westminster John Knox Press, 1996. (original em alemão, 1993). (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- HAGNER, Donald A. *Word biblical Commentary, volume 33B: Matthew 14-28*. Dallas: Word Books, 1995. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- HARRIS, R. Laird et. al. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Edições Vida Nova, 1998. (Original em inglês, 1980).
- HAWTHORNE, Gerald F. *Word Biblical Commentary, Volume 43: Philippians*. Waco, TX: Word Books, Publisher, 1983. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- KAISER, Walter C. Jr. *Toward an Exegetical Theology: Biblical Exegesis for Preaching and Teaching*. Baker Book House: Grand Rapids, 1981. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- LAAN, Ray Vander. "His Body, His Blood" em *Focus on the Family*. Artigo incluído na edição da revista do mês de abril de 1999. <http://www.fof.org/goodread/a0005234.html> acessado a 21 de setembro de 1999.
- LANE, William L. *Word Biblical Commentary, volume 47B: Hebrews 9-13*. Dallas: Word Books, 1991. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- MAYS, James L., editor geral. *Harper's Bible Commentary*. San Francisco: Harper & Row Publishers, 1988. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- MOODY, Dale. *The Word of Truth: A Summary of Christian Doctrine Based on Biblical Revelation*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1981. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).

- NELSON, Richard. *First and Second Kings: Interpretation, A Commentary for Teaching and Preaching*. Atlanta: John Knox Press, 1987. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- NEUSNER, Jacob e Bruce D. Chilton. *Revelation: The Torah and the Bible*. Valley Forge, Pennsylvania: Trinity Press International, 1995. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- ROBBINS, Ray Frank. *The Revelation of Jesus Christ*. Nashville: Broadman Press, 1975. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- ROBERTSON, Archibald Thomas. *Word Pictures in the New Testament, Volume VI: The General Epistles and The Revelation of John*. Nashville: Broadman Press, 1933, 1960. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- SILVA, Moisés. *Biblical Words and their Meaning: An Introduction to Lexical Semantics, Revised and Expanded Edition*. Zondervan Publishing House: Grand Rapids, 1994. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- SMALLEY, Stephen S. *Word Biblical Commentary, Volume 51: 1,2,3 John*. Dallas, TX: Word Books, Publisher, 1984. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- STAGG, Frank E. *The Doctrine of Christ*. Nashville: Convention Press, 1984. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- _____. *Galatians/Romans: Knox Preaching Guides*. Atlanta: John Knox Press, 1980. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- TASKER, R. V. G. *Mateus, Introdução e Comentário*. Série Cultura Bíblica. Tradução de Odair Olivetti. São Paulo: Edições Vida Nova, 1991. (Original em inglês, 1961.).
- WATTS, John D. W. *Word Biblical Commentary, volume 25: Isaiah 34-66*. Dallas: Word Books, 1987. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- WENHAM, Gordon J. *Word Biblical Commentary, volume 1: Genesis 1-15*. Dallas: Word Books, 1987. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- _____. *Word Biblical Commentary, volume 2: Genesis 16-50*. Dallas: Word Books, 1994. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- WEST, James King. *Introduction to the Old Testament, Second Edition*. New York: Macmillan Publishing Co., 1981. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- WOLDE, Ellen Van. *Stories of the Beginning: Genesis 1-11 and Other Creation Stories*. Traduzido por John Bowden. Ridgefield, CT: Morehouse Publishing, 1997. (original em holandez). (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).

...